

Sociologia, para quê?

*Roberto S. C. Moreira**

Professora Ana Maria Fernandes, Decana de Pesquisa e Pós-Graduação, aqui representando o Magnífico Reitor da Universidade de Brasília, Senhor Oswaldo de Jesus Serra Van-Dunem, Embaixador de Angola. Professor João Gabriel Teixeira, Diretor do Instituto de Ciências Sociais. Chefes de Departamentos, Coordenadores e demais membros da Mesa. Senhoras e senhores. E, sobretudo meus caros formandos.

Em uma noite do final do ano de 1971 eu me encontrava em um auditório improvisado na entrada sul do Instituto Central de Ciência, participando, como formando, da solenidade de colação de grau de bacharel dos alunos de Ciências Sociais desta Universidade.

Hoje, ao receber o convite de vocês para ser o patrono da turma de sociologia do primeiro semestre de 1998 é inevitável eu me lembrar daquela formatura.

Passaram-se 27 anos e certamente muita coisa aconteceu durante este tempo. Na minha vida pessoal, por exemplo. Fui jornalista, publicitário e professor no que era o Departamento, hoje Faculdade, de Comunicação da UnB, onde, aliás, fiz o Mestrado.

Em seguida trabalhei na área da cultura da Administração Pública Federal, mais precisamente no Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Há relativamente pouco tempo voltei ao meio acadêmico, fazendo o Doutorado em

* Roberto Sabato C. Moreira é doutor em sociologia e professor adjunto do Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília. Discurso como patrono dos formandos de Sociologia do primeiro semestre de 1998 da Universidade de Brasília, em 17 de outubro de 1998.

Sociologia e me tornando, desde 1993, professor deste mesmo Departamento onde me formei.

Tudo isto, naturalmente, faz com que este momento em que vocês me honraram com esta escolha me seja especialmente comovente e gratificante.

Porém, muita coisa mudou também na sociedade que é nosso objeto de estudo. Seja na sociedade brasileira que nos cabe mais de perto analisar, seja no contexto mundial em que ela se insere.

Como sociólogos, a mudança social é um de nossos conceitos mais caros. E ele se apresenta desafiador, agora e sempre.

Há quase três décadas, nós sequer nos perguntávamos por quê tínhamos decidido fazer sociologia. A resposta era presumida. A sociologia nos aparecia como o instrumento adequado para compreender a sociedade e promover a mudança social.

Nossa socialização foi a de pensar o Brasil e buscar a sua mudança. Éramos aderidos, sem indecisão, ao curso escolhido. Muito embora, na época, pouco houvesse de mercado de trabalho fora da academia e a profissão sequer fosse reconhecida.

Hoje, aos alunos que ingressam no curso de sociologia esta idéia não se apresenta com tanta certeza ou segurança, mas o mercado profissional abre outras perspectivas. Os desafios são outros, embora provenientes da mesma e eterna mudança social.

De todo modo, isto nos leva a repor as questões – constantes e indispensáveis – sobre que profissional de sociologia queremos, podemos, devemos formar e estamos formando. Qual o papel do sociólogo na sociedade? Enfim, no limite, perguntar sobre o que se entende que deva ser a própria Sociologia.

Sabidamente, são perguntas por demais antigas. Na verdade, elas sempre tiveram que ser respondidas e o foram, de diferentes maneiras, em cada época e circunstância.

Na Europa de Durkheim e Weber, nos Estados Unidos de Park, Parsons e Merton, no Brasil de Fernando de Azevedo, Anísio Teixeira, Florestan Fernandes ou Guerreiro Ramos.

Hoje estão ocorrendo profundas e rápidas mudanças. O mundo contemporâneo presencia uma nova resolução científica e tecnológica, onde a produção de conhecimento vem ocupando o lugar da produção de bens e novos atores surgem na cena política, deslocando antigos protagonistas.

Esses processos desafiam a sociologia não apenas em sua capacidade de produzir conceitos e categorias teóricas capazes de identificar a natureza e o rumo dessas mudanças, mas também desafiam-na em sua legitimação perante a sociedade.

A sociologia nasceu da necessidade de compreender uma sociedade em crise e, a despeito de toda época dizer-se em crise, é possível comparar o momento crítico de suas origens e o presente. Em outras palavras, a sociologia continua a enfrentar o mesmo desafio de seu início, ao situar-se na transição entre o velho e o novo.

No que se refere ao Brasil, estão em andamento a reforma do Estado, a inserção forçada da economia e da sociedade em um novo patamar do processo capitalista, o aperfeiçoamento das instituições democráticas. Enquanto, por outro lado, perduram as desigualdades, as diferenças, os problemas sociais, a herança não resolvida de um passado secular.

Se hoje a sociologia não é mais o saber de salvação que um dia disseram que ela era, isto tem um lado positivo e outro, nem tanto.

Do outro lado negativo está o que talvez se perde ao abdicar-se da tarefa transformadora, um tanto idealista, um tanto generosa, que caracterizou minha geração. Pelo lado em que se ganha, certamente encontra-se a procura de maior rigor nos padrões científicos de cuja necessidade tanto já se reclamou.

De minha parte, permaneço acreditando que o papel da Sociologia é e deve continuar sendo algo que resulte da aliança entre a capacidade de se afirmar como ciência, capaz de dar explicações racionais sobre a sociedade, e a perspectiva crítica, que permita a esta sociedade buscar soluções melhores para seus desafios e dilemas.

Não se trata de descartar a sociologia como ciência empírica, garantida pelo rigor metodológico e a teorização consistente; mas, se a sociologia abdica de ser a consciência crítica de seu tempo, como também já pretendeu ser, talvez seja pior para a sociedade.

Se não conseguirmos, mais uma vez, responder de forma criativa e atual àquelas perguntas iniciais, talvez não precisemos continuar a fazê-las, porque então não existiremos mais como grupo detentor de um saber específico, com um lugar socialmente necessário, que assegure nossa permanência enquanto campo de conhecimento.

Por isso mesmo, outro dia, quando tomei conhecimento de uma enquete realizada pela Associação Internacional de Sociologia para saber os livros de sociologia mais importantes do século XX, foi com muita satisfação que encontrei entre os dez mais votados, mais precisamente, em segundo lugar, *A Imaginação Sociológica*, de C. Wright Mills, inicialmente publicado em 1959 e que tanta influência teve na minha geração.

Mills sustenta a tese de que a imaginação sociológica tem a possibilidade de influir na qualidade da vida humana de nossa época. A certa altura, ele diz que não acredita que a ciência social salvo o mundo, embora nada veja de

errado em tentar salvá-lo, pois, se houver uma saída para a crise do nosso tempo por meio do intelecto, caberia ao cientista social tentar formulá-la.

Colocando a razão e a liberdade — valores que ele considera em perigo — como os temas mais importantes para os cientistas do século XX, Mills faz seu apelo à imaginação sociológica ao falar da tarefa política do cientista social, que seria a de traduzir preocupações pessoais em questões públicas, a fim de proteger a razão, e fazer desses hábitos intelectuais os valores predominantes de uma sociedade democrática.

Não estou aqui me esquecendo da clássica advertência sobre a separação entre a vocação da ciência e a política. Mas quero crer, acompanhando Dahrendorf, que hoje parece mais importante advertir contra a separação radical entre a ciência e os juízos de valor do que advertir contra a sua união, uma vez que nossa responsabilidade como sociólogos não termina quando completamos a pesquisa científica, mas pode estar começando exatamente neste ponto, pois ela requer o exame das conseqüências morais e políticas de nossa atividade.

Para terminar, se minhas palavras acabaram tendo o tom de mais uma entre tantas aulas que vocês tiveram durante o curso, perdoem-me. Mas eu quis que, nesse momento em que vocês adquirem o direito legal do exercício da profissão que escolheram, eu pudesse convidá-los ainda uma vez a esta reflexão.

Mas quero mais. Quero que sejam felizes na profissão e espero que eu e todos os professores que vocês tiveram tenhamos podido dar nossa contribuição nesse caminho.

Por fim, repito o que disse como paraninfo para a turma do semestre passado: nunca deixem de perseguir o seu sonho.

Muito obrigado